

MIKHAIL IÚRIEVITCH LIÉRMONTOV

O Herói do Nosso Tempo

Tradução direta do original russo e introdução de
Paulo Bezerra

EDITORA  GUANABARA

Título Original:
Guerói Náchevo Vriêmeni

Copyright da tradução: © Paulo Bezerra, 1988

Direitos exclusivos para a língua portuguesa

Copyright © by

EDITORA GUANABARA S.A.

Travessa do Ouvidor, 11

Rio de Janeiro, RJ — CEP 20040

1988

Reservados todos os direitos. É proibida a duplicação ou reprodução deste volume, no todo ou em parte, sob quaisquer formas ou por quaisquer meios (eletrônico, mecânico, gravação, fotocópia ou outros), sem permissão expressa da Editora.

O DIÁRIO DE PIETCHÓRIN

Prefácio

Há pouco fiquei sabendo que Pietchórin tinha morrido quando regressava da Pérsia. Essa notícia me alegrou muito: dava-me o direito de publicar estas notas e aproveitei a ocasião para pôr meu nome sobre uma obra alheia. Queira Deus que os leitores não me castiguem por tão inocente falsificação!

Agora devo explicar brevemente os motivos que me levaram a dar publicidade aos segredos íntimos de um homem que jamais conheci. Se pelo menos eu fosse seu amigo: a infiel indiscrição de um amigo de verdade todos entendem. Mas eu o tinha visto apenas uma vez na minha vida, numa estrada; logo, não posso nutrir por ele aquele ódio inexplicável que, disfarçado de amizade pessoal, espera apenas a morte ou a desgraça do ente querido para despejar sobre sua cabeça um temporal de censuras, conselhos, zombarias e lamentações.

Ao reler estas notas, convenci-me da sinceridade daquele que tão impiedosamente expôs seus próprios defeitos e fraquezas. A história de uma alma humana, mesmo sendo a alma mais mesquinha, quase chega a ser mais curiosa e útil que a história de todo um povo, principalmente quando aquela é produto da auto-observação de uma mente madura e quando é escrita sem o vaidoso desejo de suscitar simpatia ou surpresa. *As confissões* de Rousseau têm o defeito de terem sido lidas por ele para os seus amigos.

Portanto, o simples desejo de divulgá-los levou-me a publicar trechos de um diário que por acaso me chegou às mãos. Embora eu tenha mudado todos os nomes próprios, aqueles a quem o diário se refere

certamente se reconhecerão e talvez encontrem justificativa para os atos dos quais até hoje acusavam uma pessoa que, doravante, nada mais tem em comum com este mundo: nós quase sempre desculpamos o que entendemos.

Inseri neste livro somente o que tinha relação com a passagem de Pietchórin pelo Cáucaso. Ainda me restou um volumoso caderno, onde ele conta toda a sua vida. Algum dia este também se apresentará ao juízo do mundo; por ora não ousou assumir essa responsabilidade por muitos motivos importantes.

Talvez alguns leitores queiram saber minha opinião sobre o caráter de Pietchórin. Minha resposta é o título deste livro. “É, eis uma ironia ferina!” — dirão. Não sei.

TAMAN

Taman* é o vilarejo mais detestável de todas as cidades costeiras da Rússia. Lá eu por pouco não morri de fome e ainda por cima me quiseram afogar. Cheguei tarde da noite numa diligência. O cocheiro parou a tróica cansada à porta da única casa de pedra que havia à entrada do povoado. Ao ouvir o tilintar do sininho, o sentinela, um cossaco do Mar Negro, gritou, meio adormecido, com voz furiosa: “quem vem lá?” Saíram um suboficial de cossacos e um *deciátnik*.¹ Expliquei que era oficial, que estava me dirigindo em missão oficial a um grupo de operações e exigi alojamento oficial. O *deciátnik* nos conduziu pelo povoado. Aonde quer que fôssemos encontrávamos a *isbá* ocupada. Fazia frio, eu estava há três noites sem dormir, morto de fadiga, e começava a me zangar. “Leve-me a algum lugar, bandido, nem que seja ao inferno, contanto que seja a algum lugar!” — gritei. “Ainda falta um alojamento” — respondeu o *deciátnik*, coçando a nuca —, “só que Vossa Senhoria não vai gostar, não é limpo.” — Sem entender o sentido exato da última palavra, ordenei-lhe seguir adiante e depois de passarmos muito tempo vagando por becos sujos, em cujos lados eu via apenas cercas velhas, chegamos a uma casinhola em plena orla marítima.

A lua cheia iluminava o telhado de junco e as paredes brancas da minha nova habitação; no pátio, rodeado por um muro de taipa, aparecia meio inclinado outro casebre, menor e mais velho que o primeiro. Quase junto ao seu muro, a orla descia precipitada para o mar e lá embaixo ondas azul-escuras chapinhavam em constante murmúrio.

*Cidade do Cáucaso, situada nas margens do estreito de Kertch. (N. da edição russa.)

¹Responsável por dez *isbás*, significando ainda capataz. (N. do T.)

A lua contemplava serena aquelas águas agitadas porém dóceis ao seu clarão, e ao luar pude distinguir, longe da margem, dois navios com os cordames negros, quais teias de aranha, projetando-se imóveis no horizonte pálido.

“Há navios no ancoradouro” — pensei. — “Amanhã partirei para Guelendjik.”

Tinha eu como ordenança um soldado cossaco. Após mandá-lo retirar a maleta e dispensar o cocheiro, pus-me a chamar o dono da casa. Bati à porta — silêncio; tornei a bater — silêncio... Que estará acontecendo? Por fim um garoto de uns quatorze anos saiu do vestibulo.

“Onde está o patrão?” — “Num tem.” — “Como? Não há patrão nenhum?” — “Nium”. — “E a patroa?” — “Foi no arraiá.” — “E quem vai me abrir a porta?” — perguntei, chutando-a. A porta se abriu sozinha e a casa soltou uma baforada de umidade. Risquei um fósforo e o levei ao nariz do garoto, iluminando dois olhos brancos. O garoto era cego, completamente cego de nascença. Estava postado diante de mim, imóvel, e comecei a examinar os traços do seu rosto.

Confesso que tenho forte prevenção contra todos os cegos, vesgos, surdos, mudos, pernetas, manetas, corcundas, etc. Tenho observado que há sempre alguma relação estranha entre a aparência exterior do homem e a sua alma: é como se a perda de um membro levasse a alma a perder algum sentimento.

Então, comecei a examinar o rosto do cego; mas o que se pode ler num rosto sem olhos? Olhei-o demoradamente com uma involuntária compaixão, quando de repente um sorriso mal percebido lhe correu pelos lábios finos e, não sei por que, deixou-me a mais desagradável impressão. Veio-me à cabeça a suspeita de que esse cego não era lá tão cego como parecia; em vão eu procurava me convencer de que é impossível imitar a catarata: aliás, com que finalidade? Mas o que se há de fazer? Inclino-me frequentemente a prevenções...

“Tu és filho do patrão?” — perguntei-lhe finalmente. — “Non.” — “Quem és, então?” — “Órfão, indigente.” — “E a patroa, tem filhos?” — “Non, tinha uma filha mas fugiu pro outro lado do mar com um tártaro.” — “Com que tártaro?” — “O demo, sabe! Um tártaro da Criméia, barqueiro de Kertch.”

Entre na casa: dois bancos e uma mesa, mais um enorme baú ao lado do forno, eram todos os móveis. Na parede não havia uma única imagem — mau sinal! Pela vidraça quebrada irrompia a brisa do mar. Tirei da mala um coto de vela, acendi-o, comecei a arrumar as coisas, pus num canto o sabre e o fuzil, as pistolas em cima da mesa, estendi minha capa circassiana sobre um banco enquanto o ordenança fazia o mesmo em outro banco. Dez minutos após, ele começou a roncar

mas eu não conseguia adormecer: na escuridão, a imagem do garoto de olhos brancos não desaparecia da minha mente.

Assim passei cerca de uma hora. O luar entrava pela janela e seus raios brincavam pelo chão de terra da casinhola. De repente, uma sombra passou fugaz pela faixa iluminada que cruzava o piso. Levantei-me e olhei pela janela: alguém passou por ali pela segunda vez e desapareceu sabe Deus por onde. Eu não podia supor que uma criatura descesse correndo o declive da margem, todavia não tinha mais onde se meter. Joguei o bechmét nos ombros, meti o punhal na cintura e saí; o garoto cego vinha na minha direção. Escondi-me junto à cerca e ele passou ao meu lado com passo firme, porém cauteloso. Levava embaixo do braço um volume qualquer e, após tomar a direção do ancoradouro, começou a descer por uma vereda estreita e abrupta. *Naquele dia falarão os mudos e enxergarão os cegos,** pensei cá comigo, seguindo-o a uma distância suficiente para não perdê-lo de vista.

Nesse ínterim, a lua começava a vestir-se de nuvens e sobre o mar levantara-se uma neblina por entre a qual mal se enxergava o farol que iluminava a popa do navio mais próximo; na praia, brilhava a espuma das ondas que a cada instante ameaçavam afundá-lo. Eu descia com dificuldade, engatinhando pela escarpa, e subitamente vi o cego parando, descendo para a direita, caminhando tão perto da água que parecia que a qualquer momento uma onda o arrastaria para dentro do mar; contudo, a julgar pela segurança com que pulava de pedra em pedra e evitava os buracos, percebia-se que não era a primeira vez que caminhava por ali. Por fim parou como se sondasse alguma coisa, sentou-se no chão e pôs o embrulho de lado. Escondido atrás de uma rocha saliente da margem, eu observava seus movimentos. Após alguns minutos, uma figura branca apareceu do lado oposto: aproximou-se do cego e sentou-se ao seu lado. De quando em quando o vento me trazia a conversa dos dois.

“Então, cego” — disse a voz de mulher —, “a tempestade está forte. Yanko não vem.” — “Yanko não tem medo de tempestade” — respondeu ele. — “A neblina está ficando mais densa” — tornou a objetar a voz feminina, com um tom de tristeza. — “Na neblina é melhor para se burlar a vigilância dos guarda-costas” — respondeu o garoto. — “Mas, e se ele afundar?” — “E daí? Irás domingo à igreja sem a fita nova.”

*Liérmontov usa aqui, com ligeira modificação, palavras de Isaías, 29:18: “Naquele dia os surdos ouvirão as palavras do livro, e os cegos, livres da escuridão e das trevas, as verão.” (N. da edição russa.)

Fez-se silêncio; no entanto uma coisa me deixou impressionado: comigo o cego tinha falado no dialeto ucraniano, agora falava russo puro.

— Estás vendo, eu tinha razão — retomou o cego, batendo palmas: — Yanko não tem medo nem do mar, nem de vento, nem de neblina, nem dos guarda-costas. Escuta: agora não é o chapinhar da água, não me engano; são os longos remos dele.

A mulher levantou-se de um salto e ficou olhando para longe com uma aparência de intranquilidade.

— Estás delirando, cego — disse ela —, não estou avistando nada.

Confesso que por mais que eu tentasse distinguir ao longe alguma coisa semelhante a um barco, nada conseguia. Assim se passaram uns dez minutos, e eis que entre as gigantescas ondas apareceu um ponto negro, ora aumentando, ora diminuindo. Subindo lentamente pela crista das ondas e descendo rapidamente por elas, o barco se aproximava da margem. Era uma audácia, a do barqueiro: cruzar o estreito, enfrentar uma distância de uns 20 quilômetros numa noite daquelas, e só podia ser importante o motivo que o levara a fazê-lo! Assim pensando, eu contemplava o frágil barco com o coração involuntariamente agitado, mas ele, como um pato, mergulhava e em seguida saltava do abismo entre jorros de espuma, sacudindo rapidamente os remos como se fossem asas; e então pensei que fosse bater com toda força contra a margem e espatifar-se, mas o barco virou habilmente de lado e deslizou incólume para a pequena baía. Saiu dele um homem de estatura mediana, usando gorro tártaro de pele de carneiro; fez sinal com a mão e todos os três se puseram a tirar alguma coisa de dentro: a carga era tão grande que até hoje não entendo como o barco não afundou. Quando puseram os volumes no ombro, saíram margem afora e logo em seguida eu os perdi de vista. Precisava voltar para casa; mas confesso que todas essas coisas estranhas me deixaram intranquilo e só a muito custo consegui aguardar o amanhecer.

Meu cossaco ficou muito surpreso quando, ao acordar, me viu completamente vestido; eu, entretanto, não lhe disse o motivo. Após ficar algum tempo na janela, admirando o céu azul enfeitado de nuvens retalhadas e o longínquo litoral da Criméia que se estende como uma faixa lilás e termina num penhasco em cujo cimo branqueja uma torre de farol, saí rumo ao forte de Fanagória a fim de saber do comandante a hora da minha partida para Guelendjik.

Porém, nada feito; o comandante nada pôde assegurar. Os barcos que se achavam ancorados eram todos ou da guarda-costeira ou mercantes que nem tinham começado a carregar. “Talvez daqui a uns três ou quatro dias chegue um barco-correio” — disse o comandante —

“e então veremos.” Voltei para casa sombrio e zangado; à porta, meu ordenança cossaco me recebeu com ar assustado.

— A coisa vai mal, senhor! — disse.

— Vai, mano, só Deus sabe quando partiremos daqui. — Ao ouvir essas palavras, ele ficou ainda mais intranquilo; inclinou-se para mim e cochichou:

— Este lugar tem coisa. Hoje eu encontrei um suboficial de cossacos do Mar Negro, meu conhecido, que esteve no ano passado no destacamento; mal eu disse onde estávamos alojados, ele me disse: “Aqui tem coisa, mano, as pessoas são más!...” E de fato, que cego é esse? vai sozinho a tudo quanto é lugar, comprar pão, buscar água... Está se vendo que por aqui estão acostumados a isso.

— Então, pelo menos a patroa apareceu?

— Hoje, quando o senhor não estava, ela veio com a filha.

— Que filha? Ela não tem filha.

— Deus sabe quem é ela, se não for filha; olhe lá, a velha agora está em casa.

Entrei no casebre. O forno estava bem quente e nele se preparava um almoço bastante luxuoso para gente pobre. A todas as minhas perguntas a velha respondia dizendo que era surda e não ouvia nada. O que se podia fazer com ela? Dirigi-me ao cego, que estava sentado junto ao forno e jogava galhos secos no fogo. “Bem, diabinho cego” — disse eu, pegando-o pela orelha —, “para onde andavas à noite com aquela trouxa?” De repente o meu cego começou a chorar, a gritar, a gemer: “Pra onde?... Não andei em lugar nenhum... Com uma trouxa? Que trouxa?” Desta vez a velha ouviu e começou a resmungar: “Inventam coisas e ainda contra um infeliz! Por que o senhor faz isso com ele? O que é que ele lhe fez?” Saturado disso saí, firmemente decidido a encontrar a chave desse mistério.

Envolvi-me no meu capote e sentei-me numa pedra junto à cerca, contemplando a distância; à minha frente estendia-se o mar, agitado pela tempestade da noite, e seu murmúrio monótono, semelhante ao sussurro de uma cidade que adormece, lembrava-me os tempos idos e vividos, transportava os meus pensamentos para o Norte, para a nossa fria capital. Perturbado pelas recordações, abstraí-me... Assim se passou cerca de uma hora e talvez mais... De repente, algo parecido com uma canção chegou-me aos ouvidos. E era realmente uma canção, entoada por uma vigorosa voz de mulher... Porém, de onde vinha?... Agucei o ouvido... era um canto estranho, ora lento e triste, ora rápido e vivo. Olhei em torno — ninguém; tornei a aguçar o ouvido — era como se os sons caíssem do céu. Levantei os olhos: no telhado da minha casinhola havia uma moça de vestido listrado, em pé, com as tranças

solta, uma autêntica sereia. Com a mão sobre os olhos para protegê-los do sol, ela fixava o olhar no horizonte, e ora sorria e falava sozinha, ora retomava a canção.

Gravei a canção na memória, palavra por palavra:

Muito à vontade
Pelo verde mar,
Sempre há barquinhos
Branças velinhas
A navegar.

Entre esses barquinhos
Vai minha barqueta,
Barqueta sem velas,
Com seus dois reminhos.

Quando há temporal
Os velhos barquinhos
Soltam suas asas
Se espalham no mar.

Grande saudação
Vou fazer ao mar:
Para a sua fúria,
Meu barco poupar.

Leva em meu barquinho
Pela noite escura,
Coisas preciosas
Um cabeça-dura.

Ocorreu-me involuntariamente a idéia de que ouvira a mesma voz à noite; meditei por um instante, e quando voltei a olhar para o telhado a moça já não estava lá. De repente passou correndo ao meu lado, cantando algo diferente e estalando os dedos; entrou precipitadamente na casa da velha e no mesmo instante começaram a discutir. A velha se zangava, ela dava estridentes gargalhadas. E eis que a minha ondina tornou a correr saltitante; ao emparelhar-se comigo, parou e me olhou fixo nos olhos como se estivesse surpresa com a minha presença; depois virou-se irreverente e saiu de mansinho na direção do ancoradouro. Não ficou só nisso: não parou um instante de cantar e saltitar. Um ser estranho! Não tinha no rosto qualquer sinal de loucura; ao contrário,

os olhos se fixaram em mim com uma vivacidade penetrante, e pareciam dotados de algum poder magnético, dando sempre a impressão de aguardar alguma pergunta. Entretanto, mal comecei a falar, ela saiu correndo, com um sorriso traiçoeiro.

Decididamente, nunca tinha visto mulher semelhante. Estava longe de ser bonita, no entanto tenho lá minhas considerações também em relação à beleza. Havia nela bastante raça... A raça, nas mulheres e nos cavalos, é uma grande coisa; esse descobrimento pertence à jovem França. Ela, isto é, a raça, e não a jovem França,* se manifesta mais no andar, nas mãos e nos pés; o nariz, em particular, é muito importante. Na Rússia um nariz bem talhado é mais raro que um pé pequeno. Minha cantora não parecia ter mais de dezoito anos. A flexibilidade incomum do seu talhe, a postura elegante e muito peculiar da cabeça, os longos cabelos castanho-claros, a tonalidade meio dourada de sua pele levemente bronzeada no pescoço e nos ombros e sobretudo o nariz corretamente talhado, tudo isso me parecia encantador. Embora eu lesse em suas olhadas furtivas alguma coisa de selvagem e suspeito, embora em seu sorriso houvesse algo de indefinido, a força das prevenções é tal que o nariz corretamente talhado me fez perder a cabeça. Eu imaginava haver encontrado a Mignon de Goethe, essa criação fantástica de sua imaginação alemã. E de fato, entre elas havia muita semelhança: as mesmas passagens rápidas da maior inquietação à absoluta imobilidade, a mesma fala enigmática, o mesmo saltitar, as canções estranhas...

Ao anoitecer, eu a retive à porta da casa e travei com ela o seguinte diálogo:

“Diz-me, beleza” — perguntei-lhe —, “que fazias hoje no telhado?” — “Olhava de onde sopra o vento.” — “Para que queres saber?” — “De onde o vento sopra é que vem a felicidade.” — “E tu pensavas atrair a felicidade com tua canção?” — “A felicidade vive onde se canta.” — “E se de repente atraíres a tristeza com tua canção?” — “E daí? onde não se vive melhor, vive-se pior, e entre o bem e o mal não há grande distância.” — “Quem te ensinou essa canção?” — “Ninguém; dá vontade — canto: quem deve ouvir, ouve, quem não deve, não vai entender.” — “E como é que te chamas, minha cantora?” — “Quem me batizou é quem sabe.” — “E quem te batizou?” — “Como é que vou saber?” — “Como és misteriosa! Pois eu soube alguma coisa a teu respeito.” (Ela não mudou de feição, não moveu os lábios como se eu não me referisse a ela.) “Eu soube que ontem à noite andaste

*“Jovem França” era como se autodenominavam os jovens escritores franceses da escola romântica posterior a 1830: (N. da edição russa.)

pela orla marítima.” E no mesmo instante contei-lhe com muita imponência tudo o que vira, pensando perturbá-la — mas não ligou a mínima! Pôs-se a gargalhar a plenos pulmões: “Viste muito mas sabes pouco e o pouco que sabes guarda sob chave.” — “E se eu, por exemplo, resolvesse denunciar ao comandante?” — Ao dizer isto fiz um trejeito muito sério, severo até. Então ela deu um salto, saiu cantando e sumiu como um passarinho que foge assustado do mato. Minhas últimas palavras foram bem inconvenientes; na ocasião não suspeitava da sua importância, porém mais tarde tive oportunidade de me arrepender de tê-las pronunciado.

Mal acabou de escurecer, mandei o cossaco ferver um chá à campanha, acendi a vela e sentei-me à mesa, fumando meu cachimbo de viagem. Já terminava de beber o segundo copo de chá, quando de repente a porta rangeu e ouvi atrás de mim um leve frufu de vestido e passos; estremeci e olhei para trás — era ela, a minha ondina. Sentou-se diante de mim suave e calada, fixou os olhos no meu rosto e, sem que eu soubesse por que, aquele olhar me pareceu de uma ternura encantadora; lembrou-me um daqueles olhares que em épocas passadas tinham jogado tão despoticamente com a minha vida. Ela, ao que parece, aguardava uma pergunta, mas eu permanecia em silêncio, dominado por uma inexplicável confusão. Tinha ela o rosto coberto por uma opaca palidez, que denunciava intranquilidade na alma; a mão corria a esmo pela mesa e notei nela um leve tremor; ora inflava alto o peito, ora parecia prender a respiração. Essa comédia começava a me saturar e eu já me dispunha a romper o silêncio da maneira mais prosaica, ou seja, oferecendo-lhe um copo de chá, quando subitamente ela se levantou de um salto, enlaçou-me o pescoço com os braços e um beijo úmido e ardente estalou nos meus lábios. Meus olhos escureceram, a cabeça girou, eu a estreitei com todo o ardor da paixão juvenil, mas ela, como uma cobra, escorregou entre os meus braços, cochichando-me no ouvido: “Hoje à noite, quando todos adormecerem, venha à margem” — e saiu como uma flecha. No vestibulo derrubou a chaleira e a vela que estava no chão. “Eh, mocinha dos diabos!” — gritou o cossaco, que se deitara na palha e sonhava aquecer-se com o resto do chá. Só então voltei a mim.

Passadas umas duas horas, quando tudo no ancoradouro mergulhou no silêncio, acordei o meu cossaco: “Se eu fizer disparos de pistola” — disse-lhe —, “corra à margem.” Ele arregalou os olhos e respondeu maquinalmente: “Entendido, Vossa Senhoria.” Meti a pistola na cintura e saí. Ela me esperava na borda da vertente; usava um vestido mais que leve e tinha o elástico talhe envolto numa mantilha.

— Siga-me — disse, tomando-me pela mão, e começamos a descer. Não entendo como não quebrei o pescoço; embaixo demos uma guinada

e seguimos pelo mesmo caminho no qual na véspera eu seguira o cego. A lua ainda não se levantara e apenas duas estrelinhas resplandeciam no firmamento azul-escuro como dois faróis salvadores. Pesadas ondas se sucediam, cadenciadas e regulares, mal sacudindo um solitário barco amarrado à margem. “Vamos para o barco” — disse a minha acompanhante; vacilei, não sou adepto de passeios sentimentais pelo mar, porém não era momento de recuar. Ela saltou no barco e eu atrás, e mal dei conta de mim, notei que já estávamos em movimento. “Que significa isto?” — perguntei-lhe zangado. — “Isto significa — respondeu fazendo-me sentar num banco e enlaçando-me na cintura com os braços: — isto significa que eu te amo...” A sua face se juntou à minha e eu senti no meu rosto a respiração quente. De repente algo caiu ruidosamente na água: levei a mão à pistola — não a encontrei. Oh! Uma terrível suspeita se apoderou de mim, o sangue me subiu à cabeça. Olhei para trás — estávamos a umas cinquenta sajenes da margem e eu não sabia nadar! Quis afastá-la de mim, mas ela se agarrou como um gato à minha roupa e de repente um forte empurrão por pouco não me jogou ao mar. O barco sacolejou, mas recuperei o equilíbrio e entre nós começou uma luta desesperada; a fúria me dava forças, mas logo percebi que estava perdendo em agilidade para minha inimiga... “Que queres?” — gritei, apertando-lhe com força as mãos pequenas; os dedos estalaram, mas ela não gritou: sua natureza de serpente suportava essa tortura.

— Tu viste tudo e nos vais denunciar! — respondeu ela, e com um esforço sobrenatural me derrubou na borda; ficamos os dois suspensos até a cintura para fora do barco, o momento era decisivo. Apoiei o joelho no fundo do barco, agarrei-a com a mão pela trança e com a outra pelo pescoço, ela soltou a minha roupa e num instante atirei-a no meio das ondas.

Já estava bastante escuro; sua cabeça apareceu umas duas vezes no meio da espuma e nada mais tornei a ver.

No fundo do barco encontrei a metade de um velho remo, e depois de longos esforços cheguei aos trancos e barrancos ao ancoradouro. Caminhando pela orla para a minha casinhola, olhava involuntariamente para o lado em que na véspera o cego esperara pelo navegante noturno. A lua já andava pelo céu, e tive a impressão de que alguém de branco estava sentado na margem; aproximei-me furtivamente, levado pela curiosidade, e deitei-me na grama no alto da margem. Estirando um pouco o pescoço, pude observar bem, do penhasco, tudo o que lá embaixo se fazia, e não fiquei muito surpreso, mas quase contente, ao reconhecer a minha sereia. Estava espremendo a espuma do mar de seus longos cabelos, a camisa molhada desenhava-lhe o talhe elástico e o peito exube-

rante. Pouco depois um barco apareceu a distância e aproximou-se com rapidez, dele saindo, como na véspera, um homem de barrete tártaro porém de cabelo cortado à cossaca, com uma grande faixa presa na cintura. “Yanko” — disse ela —, “está tudo perdido!” Depois continuaram conversando, mas tão baixinho que quase nada consegui escutar. — “E onde está o cego?” — perguntou finalmente Yanko, levantando a voz. “Cumprindo uma ordem minha” — foi a resposta. Ao cabo de alguns minutos o cego apareceu trazendo nas costas um saco que puseram no barco.

“Escuta, cego” — disse Yanko —, “guarda aquele lugar... sabes? São mercadorias caras... diga a (não consegui ouvir os nomes) que não sou mais seu criado; as coisas vão mal, ele não me verá mais; agora é perigoso. Vou procurar serviço em outro lugar, ao passo que ele não vai encontrar outro cara arrojado como eu. Diga ainda que se ele pagasse melhor, Yanko não o deixaria; para mim o caminho está sempre livre, basta o vento soprar e o mar rugir.” — Após breve pausa, Yanko continuou: — “Ela vai comigo, não pode ficar aqui; e diga à velha que é tempo de morrer, já viveu demais e é preciso criar vergonha. Quanto a nós, não nos verá mais.”

— E eu? — perguntou o cego com voz queixosa.

— Pra que você me serve? — foi a resposta.

Nesse ínterim, minha ondina saltou no barco e acenou com a mão para o companheiro; este pôs alguma coisa na mão do cego, dizendo: “Toma, compra um bolo para você.” — “Só?” — perguntou o cego. — “Bem, toma mais” — e a moeda caiu tilintando, batendo nas pedras. O cego não a apanhou. Yanko tomou o barco, o vento soprou da margem, eles levantaram uma pequena vela e zarparam. Durante muito tempo, a vela branca tremeluziu ao luar entre as ondas escuras; o cego ainda continuava sentado na margem, e de repente ouvi algo semelhante a choro; o garoto estava realmente chorando, e assim passou muito tempo, muito... Fiquei triste. Por que o destino achara de me atirar naquele mundo tranqüilo de *contrabandistas honestos*? Como uma pedra lançada em água calma, subverti-lhes a tranqüilidade e como uma pedra estive a ponto de ir para o fundo!

Voltei para casa. No vestibulo, crepitava num prato de madeira a vela consumida, e o meu cossaco, contrariando a minha ordem, estava ferrado no sono, segurando o fuzil com as duas mãos. Deixei-o em paz, peguei a vela e entrei na casa. Oh! Minha arqueta, o sabre de cabo de prata, o punhal do Daguestão, presente de um amigo, tinha desaparecido tudo. Só então adivinhei que coisas o maldito cego carregava. Após acordar o cossaco de maneira bastante descortês, repreendi-o, zanguei-me, porém nada podia fazer! E não seria ridículo apresentar

queixa ao chefe, dizendo que um garoto cego me havia roubado e que uma moça de dezoito anos por pouco não me afogara?

Graças a Deus, surgiu na manhã seguinte a oportunidade de partir e eu deixei Taman. O que foi feito da velha e do pobre cego — não sei. Aliás, que tenho a ver com as alegrias ou as desgraças humanas, eu, um oficial errante, e ainda por cima andando com salvo-conduto oficial!...